CAPÍTULO 1

TESOUROS NA TERRA E TESOUROS NO CÉU

Antes de Jesus falar do olho, Ele fala de tesouro, e essa ordem é estratégia espiritual. Jesus não começa dizendo "cuide do que você enxerga"; começa dizendo "cuide do que você guarda", como se dissesse: o seu problema de visão não nasce primeiro no olhar — nasce no lugar onde o seu coração se apoia quando precisa de chão.

> *Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem consomem, e onde os ladrões minam e roubam; mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam. Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.*
>
> MATEUS 6:19–21

Jesus está falando de dinheiro? Sim, também. Mas se fosse apenas dinheiro, o texto seria mais fácil de domesticar. O que Jesus chama de "tesouros" é tudo aquilo que, por dentro, você trata como fundamento — o lugar em que deposita a sensação de vida segura. O coração humano sempre precisa de um ponto de apoio, e o problema é que ele costuma escolher apoios que parecem sólidos, mas não são.

◆ "Na terra", não "da terra"

Há um detalhe linguístico que dá profundidade ao ensino. Jesus não opõe "tesouros da terra" a "tesouros do céu"; Ele fala de tesouros na terra e tesouros no céu. Isso parece pequeno, até você perceber o que muda quando se troca "da" por "na". Se Ele dissesse "tesouros da terra", a mente religiosa criaria uma classificação confortável, em que coisas "da terra" seriam automaticamente mundanas, pecaminosas, sujas, e coisas "do céu" automaticamente espirituais, puras, santas — basta separar por categoria e pronto. Só que Jesus não dá esse alívio, porque não está descrevendo o tipo de objeto: está expondo o lugar de armazenamento do coração.

"Na terra" fala de um sistema inteiro, de um horizonte, de uma lógica de segurança, de uma forma de viver que pertence ao que é provisório; "no céu" fala de outro horizonte, onde Deus é o centro e onde o valor não é medido

apenas pelo que é imediato, palpável e aplaudido. O ponto deixa de ser "isso é uma coisa boa ou ruim?" e vira "isso está guardado onde dentro de mim? Debaixo de qual governo? Em qual horizonte a minha alma está colocando peso?"

Isso muda completamente o modo como você lê o texto, porque o mesmo objeto pode ocupar lugares espirituais diferentes. Uma casa pode ser apenas uma casa, recebida com gratidão e administrada com paz; mas ela pode virar um altar interno — identidade, superioridade, vaidade, comparação, orgulho e briga. O objeto não mudou; o lugar no coração mudou. Um carro pode ser ferramenta, meio de trabalho, serviço, deslocamento, hospitalidade; e pode ser um espelho onde você tenta se enxergar como "alguém". Quando o coração faz do carro um termômetro de valor, a ferramenta passa a funcionar como tesouro na terra: o carro continua com quatro rodas, mas agora tem uma função religiosa secreta, que é dar sentido e status.

Dinheiro é ainda mais claro. Pode ser apenas recurso para sustento, responsabilidade, provisão e serviço; mas, com facilidade assustadora, ele vira o lugar onde o coração procura descanso. E quando o dinheiro vira descanso do coração, ele vira senhor, mesmo que a pessoa jamais diga isso em voz alta.

◆ Tesouro é palavra de trono

A grande seriedade de Mateus 6 é que Jesus não está disputando práticas externas; está disputando o trono interno. E tesouro, na Bíblia, é uma palavra de trono: é aquilo que você protege, que não quer perder, que te governa quando Deus e o medo dizem coisas diferentes. Por isso "tesouro" não é só o que vale dinheiro no mercado; é o que vale demais na sua alma — o ponto sensível que, se alguém toca, você reage com força desproporcional. Tesouro é o que te dá sensação de vida e, por isso, te dá pavor de perder.

E aqui a conversa fica desconfortável, porque esse tesouro pode ser "espiritual" na aparência: o nome que você construiu, o ministério que te dá identidade, uma posição que te dá voz, o aplauso de pessoas específicas, a sua imagem pública, o "ser necessário" para os outros — ou até a reputação de ser generoso. Tudo isso pode ser ajuntado na terra, ainda que dentro de um ambiente religioso.

Quando Jesus diz "não ajunteis tesouros na terra", Ele não está dizendo "não possua coisas"; está dizendo "não construa a sua base sobre coisas que pertencem ao sistema da perda". A proibição não é contra ter, é contra ser possuído; o alvo é a dependência que trata os recursos como se fossem Deus.

Essa diferença salva a leitura de dois erros comuns. O primeiro é o moralismo simplista, que diz "dinheiro é sujo, bens materiais são ruins, espiritualidade é viver sem nada" — isso não é o ensino de Jesus, é uma caricatura. O segundo é a espiritualidade cínica, que diz "posso ter tudo; só não posso ser muito apegado" — só que o apego é justamente o coração que Jesus está expondo, e ele se esconde bem.

O coração humano tem uma habilidade extraordinária: chama de "prudência" aquilo que é medo, de "planejamento" aquilo que é idolatria de controle, de "responsabilidade" aquilo que é avareza, de "realismo" aquilo que é incredulidade. É por isso que Jesus fala de tesouro antes de falar de olho: para impedir que a pessoa tente "ajustar o olhar" mantendo o tesouro no mesmo lugar — quando Jesus mexe no tesouro, está mexendo na raiz.

A palavra "ajuntar" também não é acidental. Jesus não está falando de possuir por acidente, mas de um movimento deliberado: acumular, empilhar, construir reserva emocional e espiritual em torno de algo. "Ajuntar" é o coração trabalhando, conscientemente ou não, para criar um mundo onde não precise depender de Deus — e é exatamente aí que começa a competição com o que Jesus chamará de Mamom.

Quem ajunta tesouro na terra está tentando resolver, no fundo, uma pergunta: "Como eu garanto que nada vai me faltar?" Essa pergunta pode ser feita com sabedoria ou com idolatria. Sabedoria administra; idolatria se agarra: uma planeja com o coração em paz, a outra com o coração escravizado — a diferença não está na planilha, está no senhor.

Por isso Jesus mira a falsa segurança, não o planejamento. Ele não chama o discípulo para a irresponsabilidade; chama para a liberdade: a liberdade de poder ter coisas sem ser governado por elas, de poder perder coisas sem perder a alma, de poder dar sem sentir que está morrendo, de poder obedecer sem negociar com o medo. E é aqui que o texto começa a apertar, porque Jesus coloca diante de você dois lugares de armazenamento: "na terra" e "no céu". Dois horizontes, duas lógicas, dois mundos competindo pelo mesmo espaço interior. Não é apenas sobre onde você guarda o dinheiro; é sobre onde você guarda o coração.

◆ Traça, ferrugem e ladrões

Jesus prova o que está dizendo com três imagens simples, quase domésticas. É como se Ele pegasse a teologia e colocasse dentro de um armário, em cima de uma prateleira e no meio da rua à noite. Ele quer que você sinta no corpo o que significa confiar no que é terreno.

Traça é um tipo de destruição que irrita porque é silenciosa: ela não chega com barulho, não pede licença, não anuncia "vou acabar com isso" — vai devagar, comendo por dentro. Você guarda algo que valoriza, ele fica ali "seguro", aparentemente intacto; tempo depois, quando você abre, descobre pequenos buracos. O dano não veio com drama; veio com rotina.

E há perdas na vida que são assim: não são só as tragédias que levam tudo de uma vez, são os desgastes que roem por dentro. Relacionamentos podem virar traça quando o coração deposita neles o que só Deus pode sustentar. O casamento, por exemplo, pode ser lugar de aliança e graça, mas pode virar tesouro na terra quando se torna a fonte última de sentido; aí qualquer frustração vira ameaça existencial, e a traça entra: um ressentimento aqui, uma comparação ali, um silêncio acolá — e o que parecia sólido começa a furar.

O mesmo vale para projetos, sonhos e planos construídos apenas no braço, como se Deus fosse um detalhe decorativo: a traça do tempo vai comendo o que não tinha raiz.

Ferrugem ataca justamente o que parece forte. O metal, que aos nossos olhos representa robustez, sofre com o ambiente: umidade, tempo, exposição. A ferrugem lembra que há estruturas que parecem inabaláveis, mas são

temporárias — e isso inclui coisas que chamamos de "minha estabilidade", "meu nome", "minha posição", "meu corpo", "minha influência". Ela não discute com ninguém; só lembra que o tempo trabalha. E, quando o coração coloca o peso da identidade em coisas sujeitas ao tempo, está assinando um contrato de ansiedade.

Ladrões são diferentes. Se traça e ferrugem falam do desgaste lento, ladrões falam da perda rápida, do inesperado, do que foge do seu planejamento. Você pode ter travas, câmeras, senhas, seguros e tudo o mais; ainda assim existe uma vulnerabilidade estrutural na vida. Pode vir uma crise econômica, uma demissão, uma doença, um acidente, uma quebra, um erro de alguém, um roubo literal. Ladrões representam esse elemento desconcertante: a vida não se deixa controlar por completo.

E Jesus está dizendo: se o seu coração estiver guardado nesse sistema, você não terá paz, porque esse é o sistema da perda. A terra é o lugar onde traça existe, onde ferrugem existe, onde ladrões existem. Não é um insulto à criação; é um diagnóstico da condição presente do mundo. A terra, como horizonte final, é frágil, provisória, vulnerável, instável — e o coração humano é grande demais para descansar em algo que o tempo pode corroer.

O que Jesus faz aqui é atacar a fantasia do "eu posso garantir". É como se Ele dissesse: "Você pode administrar, planejar, trabalhar, guardar, mas não finja que pode tornar a vida invulnerável — você não consegue." E quem tenta troca adoração por ansiedade, confiança por controle, Deus por um ídolo que cobra medo como imposto.

Perceba também que Jesus não está falando apenas de perda material, mas da perda que mexe com o coração. Porque é isso que tesouro faz: ele cria um medo correspondente. Quanto maior o tesouro na terra, maior o pavor de ladrões; quanto mais o coração se apoia no terreno, mais refém fica da instabilidade do terreno. É por isso que, para muita gente, o dinheiro nunca é "só dinheiro": ele vira garantia contra o terror interno, proteção contra a sensação de vulnerabilidade, a promessa de que, se houver um problema, eu terei como me salvar. A pessoa pode chamar isso de prudência, mas, se não consegue descansar sem controlar, já não é prudência — é escravidão.

Há aqui uma profundidade que ajuda a não tornar o texto moralista: Jesus não está condenando o desejo de segurança em si — ele é humano. O ponto é: onde você está tentando comprar essa segurança? Porque, quando você tenta comprar segurança absoluta com recursos terrenos, o resultado é dependência. E dependência de coisas frágeis produz ansiedade crônica.

"Ajuntai tesouros no céu"

Então Jesus oferece outra lógica: "ajuntai tesouros no céu". Significa, primeiro, que existe um lugar onde o que é valioso não é corroído pela traça do tempo, nem enfraquecido pela ferrugem do desgaste, nem ameaçado pelo ladrão do inesperado. Esse lugar não é apenas "depois da morte"; é o horizonte do governo de Deus, onde o valor real não é medido pelo que o mundo mede. É viver de modo que as suas escolhas tenham peso eterno, investir a vida de forma que a sua segurança esteja no Pai, e não nos mecanismos da terra.

Mas "tesouro no céu" não é uma frase para substituir um apego por outro — não é o cristão dizendo "agora eu vou ser mais espiritual" enquanto continua com o coração dividido. Tesouro no céu é, na prática, um realinhamento: o que antes era fundamento vira ferramenta; o que antes era senhor vira servo. E quando isso acontece, o dinheiro não desaparece, mas perde o poder de definir o seu humor, a sua identidade e as suas decisões.

A diferença é que o coração que ajunta tesouro no céu pode atravessar traça, ferrugem e ladrões sem perder a alma. Ele sofre, claro; sente, claro; ajusta, claro — mas não desmorona como quem perdeu o próprio deus, porq-

ue o seu deus não era aquilo. Perde coisas, mas não perde o Senhor; nem a paz fundamental de quem sabe que a vida não está pendurada em um fio de controle.

Aqui o ensino de Jesus é misericórdia. Ele está poupando você de uma forma de vida que parece segura, mas é uma fábrica de trevas internas. Ele está dizendo: "Não se prenda ao que vai te prender. Não adore o que não pode te sustentar." E isso abre uma pergunta ao mesmo tempo confrontadora e libertadora: se o meu coração não deve descansar no que traça come, ferrugem corrói e ladrões roubam, onde ele descansa então? A resposta não é abstrata; aparece no versículo 21: onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração. O tesouro não é só algo que você tem — é algo que te tem.

A gravidade do tesouro

A frase de Jesus em Mateus 6:21 é tão curta que dá vontade de passar rápido, mas ela tem o peso de uma lei espiritual. Você pode até escolher, num primeiro momento; mas, depois de escolhido, o tesouro começa a puxar.

É como se Jesus descrevesse uma física do espírito. O coração humano não flutua livre: ele se inclina, se orienta, se prende. E aquilo que você chama de "meu tesouro" vira um ímã — os pensamentos começam a voltar

sempre para lá, as preocupações se organizam em torno disso, as decisões passam a ser filtradas por uma pergunta repetida: "isso ameaça ou protege o que eu amo?"

Essa é a parte do ensino que transforma Mateus 6 em um espelho perigoso, porque ela impede respostas superficiais. Não dá para resolver com uma declaração bonita do tipo "meu tesouro é Deus": a vida responde por você — e respondem também a rotina, o que te tira o sono, o que te irrita quando é tocado. Quando o tesouro é a reputação, qualquer crítica se transforma em ataque; quando é controle, cada imprevisto vira ameaça; quando é dinheiro, o convite à generosidade se torna risco; quando é conforto, qualquer sacrifício parece absurdo; quando é um relacionamento, a instabilidade gera desespero; quando é a própria imagem, o anonimato se torna sufocante.

O coração que desceu para a terra fica preso aqui embaixo, e "preso" é a palavra certa, porque ele não consegue relaxar: celebra com medo de perder, ganha com ansiedade de manter, guarda com pânico de faltar. Ele vive como sentinela de algo frágil, guarda-costas do próprio deus; descansa com um olho aberto — e todo deus que precisa ser guardado é um deus ruim.

E aqui Jesus começa a preparar o terreno para o que vai dizer sobre o olho, porque o olhar é a forma como o corpo inteiro se orienta: quem desceu para a terra vai

olhar como terra, vai interpretar tudo a partir do chão provisório, criando uma visão ansiosa, calculista, desconfiada, sempre tentando não perder.

O contrário também é verdadeiro: quando o tesouro está no céu, o coração começa a subir. E "subir" não é virar alguém alheio à realidade; é o coração encontrar um eixo acima das circunstâncias, aprender a tomar decisões perguntando "isso honra o Senhor?" e não apenas "isso me protege?". O céu, aqui, não é fuga: é governo — o lugar de onde você recebe referência.

Isso muda a forma de interpretar situações muito concretas. Quando chega um dinheiro inesperado, o coração revela o seu tesouro pelo reflexo inicial. A questão é: a primeira alegria do coração é o "upgrade" do ego ou a possibilidade de servir ao propósito de Deus? A pergunta não é para produzir culpa, é para produzir verdade, porque tesouro se revela antes de virar discurso.

Quando vem uma crise, o coração também se revela. Se o tesouro era a terra, a crise vira colapso existencial: a pessoa não sofre apenas com o problema, sofre com a sensação de que "o meu deus está falhando" — por isso o desespero é tão absoluto. Mas se o tesouro está no céu, a crise ainda dói, ainda exige ajustes, ainda pede prudência

e trabalho, mas não destrói o centro: a pessoa não perde a identidade junto com o dinheiro, não perde a fé junto com o conforto, não perde o Pai junto com a provisão.

Quando aparece uma decisão de carreira, o tesouro também fala. Há decisões em que o aumento financeiro é legítimo e pode ser bênção; há outras em que o aumento é a isca que pede a sua integridade como preço — e aí o tesouro mostra quem manda. Se o tesouro é terra, a pergunta "quanto eu vou ganhar?" engole todas as outras.

Se o tesouro é céu, outras perguntas entram com peso: isso vai me empurrar para práticas desonestas? Isso vai me afastar de Deus e da minha família? Isso vai comprar status às custas da minha alma? Isso me dá paz diante do Senhor ou só excitação? Essas perguntas não são moralismo; são governo. Elas não nascem de medo, nascem de temor — e o temor do Senhor é exatamente o tipo de gravidade que desloca o coração para o céu.

O mesmo vale para a participação no Reino. Quando surge uma oportunidade de contribuir para uma obra, socorrer uma necessidade, sustentar algo que tem valor eterno, o tesouro se manifesta: o coração fecha automaticamente como autoproteção, ou ele pergunta com sinceridade qual é a parte de obediência que Deus está pedindo? A resposta não precisa ser grandiosa para ser verdadeira. Deus não mede apenas números; Ele mede o lug-

ar do tesouro. Um equilíbrio, porém, é necessário: Jesus não está dizendo que todo gasto pessoal é carnal e toda contribuição é santa — isso seria simplificar o texto e perder o alvo.

O tesouro, então, é como uma assinatura invisível em cada decisão. Você pode até não notar, mas ele está lá: decide o que você chama de "prioridade", de "necessidade", de "prudência", de "impossível". Tesouro não é teoria; tesouro é direção.

◆ O exame do coração

Quando Deus começa a tratar a pessoa, muitas vezes Ele não começa pedindo grandes gestos: começa desmascarando o que ela chama de "luz". E Jesus, misericordiosamente, não deixa isso escondido; Ele puxa para fora: "onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração." Como quem diz: encontre o seu tesouro e você encontrará o seu coração; encontre o seu coração e você entenderá o seu olhar.

"Ajuntai tesouros no céu", porém, pode ser lida de forma rasa, como slogan motivacional: "pense no céu, não pense na terra". Jesus não está pedindo uma fuga mental; está pedindo uma realocação do centro. Tesouro no céu é viver de modo que o eterno tenha mais peso do que o imediato — e isso não acontece porque você decid-

iu "pensar positivo" ou porque se emocionou num culto. Acontece quando o coração começa a tratar Deus como Deus e dinheiro como dinheiro, quando Deus volta a ser Pai e o dinheiro volta a ser ferramenta, quando o futuro volta a ser cuidado pelo Senhor e a ansiedade volta a ser chamada de ansiedade, não de prudência.

Isso se torna concreto quando você entende que tesouro não é só "coisa", é também "confiança". Se você deposita confiança no saldo, ajunta tesouro na terra, mesmo que tenha uma vida religiosa ativa; se deposita confiança no Pai, começa a ajuntar tesouro no céu, mesmo enquanto administra responsabilidades na terra.

E "ajuntar no céu" não é apenas dar dinheiro. Sim, envolve dinheiro — porque ele é um dos lugares mais difíceis de render — mas envolve muito mais: justiça, integridade, misericórdia, verdade, pureza, obediência no secreto. Envolve a vida inteira sendo vivida diante de Deus.

Há coisas que você faz que o mundo pode destruir, e há coisas que você se torna que o mundo não consegue roubar. O mundo pode atacar as suas posses, a sua posição, a sua imagem; mas não consegue corroer a realidade de um coração inteiro diante do Pai.

E é aqui que a honestidade radical aparece com nitidez: você não consegue mover o seu tesouro para o céu mantendo o coração dividido. Ou você se rende, ou você

negocia. O coração dividido sempre tenta negociar com Jesus: "Eu te dou essa parte, mas não mexe naquela." Só que Jesus, quando fala de tesouro, vai direto na área do "não mexa" — porque é lá que a idolatria mora com conforto.

Então, em vez de transformar esse texto em uma lista de coisas para fazer, ele precisa virar exame do coração — para produzir verdade, e não condenação, porque Deus trata aquilo que vem para a luz. Que tipo de coisa mexe com você de um jeito desproporcional? Aquilo costuma estar ligado ao seu tesouro. Que tipo de perda você não consegue nem imaginar sem entrar em pânico? Ali há tesouro. Que tipo de assunto te deixa defensivo imediatamente? Que tipo de convite te dá raiva antes mesmo de você analisar? Que tipo de decisão você não consegue colocar diante de Deus com sinceridade? Muitas vezes, ali há tesouro.

E quando você encontra esse ponto, não é hora de fugir; é hora de fazer o que a carne odeia: dizer a verdade diante do Pai. O caminho do céu começa no secreto com uma frase humilde: "Senhor, meu coração tem guardado tesouro aqui." Essa frase é o oposto do fingimento — é o começo da cura.

É interessante como Jesus descreve o problema: "não ajunteis tesouros na terra" fala de um hábito, de um movimento acumulativo. O coração raramente se torna idólatra em um dia: ele vai se treinando, vai aprendendo a se apoiar em coisas, vai transferindo confiança, vai construindo uma fortaleza — e, quando percebe, está defendendo essa fortaleza com unhas e dentes, chamando-a de "minha vida". Da mesma forma, mover tesouro para o céu costuma ser um processo: o coração precisa ser reeducado, desaprender o reflexo de se apoiar no que é frágil, aprender de novo a depender do Pai — e isso não é feito apenas com informação, mas com prática espiritual real, com decisões pequenas, com obediências concretas.

Há, ainda, uma verdade que corta o orgulho: muitas vezes Deus não está "tirando" coisas de você; está tirando você da escravidão a elas. Porque o tesouro na terra cobra caro: cobra sono, paz, alegria, generosidade, comunhão, sensibilidade espiritual; cobra a capacidade de descansar, de celebrar a bênção do outro sem inveja, de servir sem precisar ser visto. Quando Jesus diz "não ajunteis tesouros na terra", Ele está impedindo você de pagar esse preço a um senhor falso; está te chamando para uma vida com um eixo mais alto, na qual o coração não precisa viver em modo de defesa permanente.

E é justamente aqui que entra a "solicitude da vida", de que Jesus fala mais adiante — "Não andeis cuidadosos quanto à vossa vida" (Mateus 6:25): se o nosso tesouro está na terra, a nossa alma vive em estado permanente de ansiedade, e a preocupação se torna um "senhor" invisível, que dita horários, rouba sono, sabota a paz.

Um homem que acompanhei por alguns anos passou a vida inteira dizendo que o que ele tinha era apenas provisionamento: casa própria, um apartamento para alugar, ações, um carro pago. Ele não era rico; era organizado, e guardava tudo com o zelo de quem não pretende depender de ninguém. Quando a empresa o dispensou aos cinquenta e dois anos, ele não perdeu o padrão de vida — a reserva dava e sobrava. Perdeu outra coisa: dormiu mal durante um ano inteiro. A conta não saía do pensamento, e ele, que sempre dizia "Deus é fiel" com tranquilidade, descobriu no susto onde a alma tinha apoiado o peso: não no céu — na planilha. Ele não perdeu o dinheiro; perdeu a ilusão de que era o dinheiro que o segurava. Foi a primeira vez que orou sobre finanças não pedindo aumento, mas coragem para reconstruir sobre outra base.

◆ Tratar a terra como céu

No fim, o texto não pede que você despreze a terra; pede que você pare de tratá-la como céu. Pare de exigir do provisório a estabilidade do eterno. Pare de exigir do

dinheiro o que só Deus dá. Pare de exigir da aprovação humana o que só o Pai oferece. Pare de exigir do controle o que só a confiança entrega. A ansiedade, nesse contexto, é um sintoma: ela revela onde está o tesouro. A pessoa ansiosa por manter o que tem mostra que seu coração foi sequestrado pelo que possui; a pessoa que confia — trabalha, se esforça, planeja, mas não se desespera — revela que existe um Senhor acima dos números, dos prazos e dos diagnósticos.

E quando isso começa a acontecer, você percebe algo: o verdadeiro "tesouro no céu" não é apenas algo que você acumula; é Alguém a quem você pertence. O céu não é só destino, é governo: não é apenas o lugar para onde vamos, é o Reino que já começou a mandar em nossas prioridades aqui. Quando Deus governa, o coração encontra o seu lugar: a ansiedade perde o trono, o medo perde a voz, e a confiança passa a ser a linguagem de quem sabe — o meu tesouro está seguro porque o meu Senhor está reinando.

Uma oração simples, sem teatro, costuma ser um bom jeito de selar esse começo com verdade — não para "fechar um capítulo", mas para abrir o coração:

> *Pai, eu não quero construir minha segurança sobre o que é frágil. Eu confesso que meu coração tem se apoiado em coisas que podem ser corroídas e roubadas. Eu não quero chamar de luz aquilo que é treva, nem servir a um senhor falso com a desculpa de prudência. Ensina-me a guardar meu tesouro onde o Senhor está. Reordena as minhas prioridades. Cura o meu medo. Toma o governo do meu coração. Que eu use o que tenho como ferramenta e que eu encontre descanso em Ti como Pai.*

E, porque o tesouro define o coração e o coração define o olhar, Jesus não vai parar no tesouro: em seguida, Ele vem examinar o próprio olho — e o diagnóstico que Ele faz dele é mais desconcertante do que costumamos imaginar.

PARA PAUSAR E APLICAR

Antes de virar a página, leve estas perguntas ao Pai — não para produzir culpa, mas para produzir verdade:

1. O que eu tenho tratado, por dentro, como fundamento — o lugar onde deposito a sensação de vida segura?
2. Onde estou tentando comprar segurança absoluta com recursos terrenos?
3. Quando chega um dinheiro inesperado, a primeira alegria do meu coração é o "upgrade" do ego ou a possibilidade de servir ao propósito de Deus?
4. Diante de uma decisão de carreira: isso vai me empurrar para práticas desonestas? Vai me afastar de Deus e da minha família? Me dá paz diante do Senhor ou só excitação?

Desafio da semana: escolha uma área em que você está tratando a terra como céu — um apoio frágil que virou fundamento — e, diante do Pai, nomeie-a e devolva-a ao lugar de ferramenta.